

multo

A TARDE

#274 / DOMINGO, 14 DE JUNHO DE 2015
REVISTA SEMANAL DO GRUPO A TARDE

CARLOS CAROSO VINHOS ANINHA FRANCO

LAS FUENTES PUB MODA «



#tônarua

Cinco estudiosos refletem sobre as manifestações que aconteceram no País e fomentam novos formatos políticos

Antes de levá-lo à cadeira de diretor do Museu de Arqueologia e Etnologia da Ufba, a antropologia fez de Carlos Caroso, 63, um viajante. Ainda nos anos 1970, ele integrou o grupo de estudantes que, liderados pelo lendário antropólogo Pedro Agostinho, resgatou do esquecimento a nação indígena pankararé. Na década seguinte, Caroso conviveu com imigrantes poloneses no sul do Brasil, a fim de entender a sua adaptação ao País, tema do doutorado que realizou na Universidade da Califórnia, nos EUA. Em 2009, Caroso foi consultado por ministros do Supremo Tribunal Federal (STF), durante o julgamento da reserva Raposa Serra do Sol. Recentemente, visitou alguns dos últimos terapeutas populares ainda em atuação no Estado. Um dos fundadores do curso de Antropologia da Ufba, o pesquisador é também um dos organizadores do livro *Baía de Todos os Santos: aspectos humanos*, que acabou se tornando uma de suas armas na batalha incansável que trava pela recuperação da região. Contrário ao projeto da ponte Salvador-Itaparica, nesta entrevista, Caroso falou sobre turismo, cultura, economia, patrimônio e saúde, sempre de um mesmo ponto de vista: o humano.

Como surgiu o projeto dos seus livros?

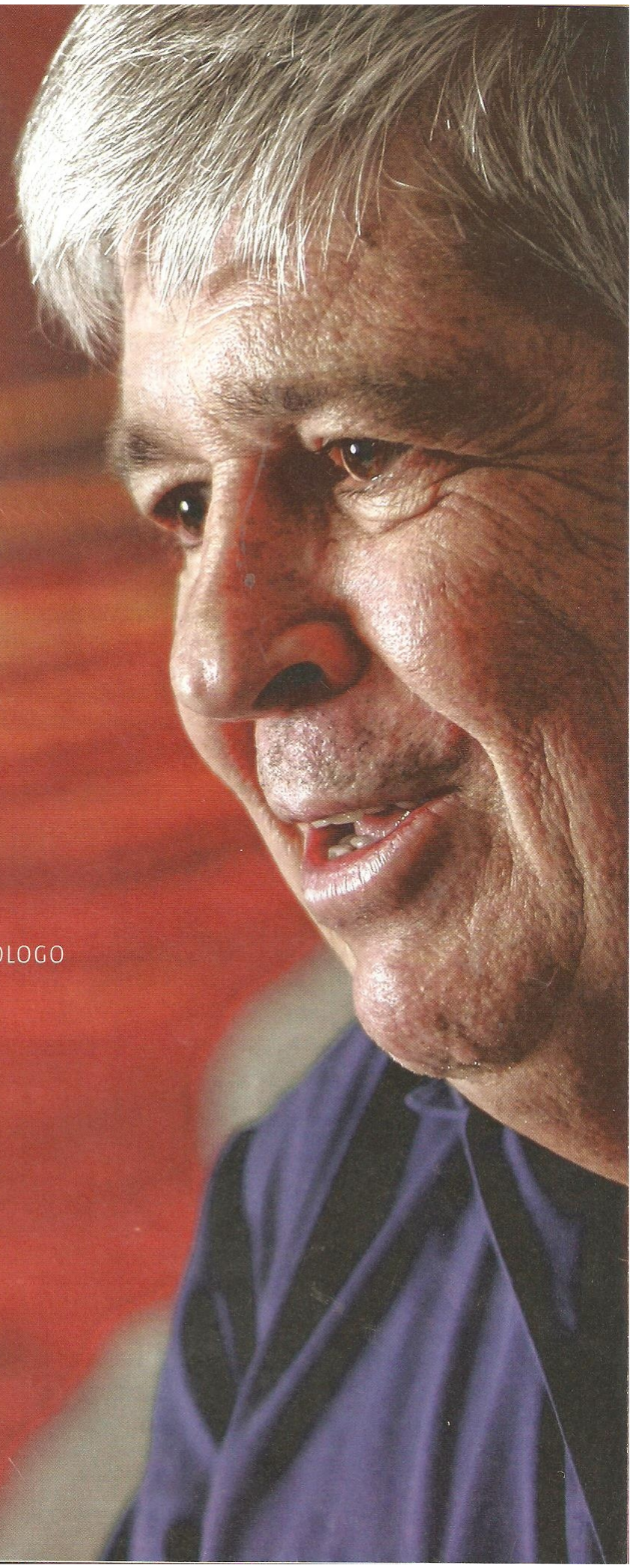
Nós buscamos compreender a Baía de Todos-os-Santos em uma multiplicidade de aspectos. Queremos contribuir com as demandas sociais. Muitas vezes é difícil produzir conhecimento acadêmico e fazer com que ele chegue a outra ponta, a quem vive a vida diária da Baía. A Baía tem sofrido, ao longo dos últimos anos, modificações muito intensas.

Quais?

No clima, assoreamento na costa, há pontos de poluição muito sérios no estuário do Rio Subaé, em Santo Amaro, causado pela indústria de chumbo e por outras indústrias que depositaram ali materiais perigosos. A Petrobras praticamente destruiu grande parte dos bancos de molusco de Madre de Deus. A pesca está muito reduzida por coisas como a perfuração de poços, derramamento de combustíveis e trânsito de navios. Na metade norte da Baía, a construção de um terminal de regasificação impede a passagem de pescadores e causa um conflito sério com eles. É um grande mito, uma grande farsa esta grande propaganda do governo do estado falando de despoluição da Baía e da captação de esgotos.

Como isso afeta os municípios?

Nas pequenas cidades não há abastecimento de água nem es-

A close-up, profile portrait of an older man with grey hair, looking slightly downwards and to the left. He has a serious expression. The background is a warm, out-of-focus red and orange.

ABRE ASPAS **CARLOS CAROSO** ANTROPÓLOGO

«Há um turismo infame na Bahia»

Texto **DIEGO DAMASCENO** ddampac@gmail.com
Fotos **FERNANDO VIVAS** fvivas@grupoatarde.com.br

gotos. Eles são lançados no mar ou nas ruas. As praias são contaminadas. Estive em Paramaná há dois meses e pisei em uma área de praia que era esgoto. Caí no esgoto. Perdi meu tênis e tive problemas de mico-se no pé. Essas agressões contaminam os pescados e mariscos, o que leva os pescadores a vender esses mariscos como se fossem de outro lugar. Eles dizem que o marisco tem gosto de gás. Quando ocorrem derramamentos, a fauna não se regenera inteiramente. Os manguezais estão afetados e, a tendência é isso se agravar na medida em que há crescimento da população nessa área sem infraestrutura.

Além dos danos ambientais, que riscos corre a população?

Há cidades em que há um permanente temor (de acidentes nas indústrias). Há pontos de encontro sinalizados para caso de acidente. Estive em Madre de Deus em maio e estava previsto um treinamento de evacuação para toda a cidade. Ou seja, uma cidade inteira que é evacuada por conta de um risco permanente. A Petrobras e as empresas argumentam que é uma forma de prevenção, mas, por outro, que direito essas empresas têm de pôr todo mundo em risco? O livro busca então chamar atenção para essas questões. O que provocou essa discussão fo-

ram os direitos das pessoas ao seu território e aos seus meios de vida. Os governantes só pensam no ponto de vista da economia formal, da microeconomia e do lucro, não pensam que nas populações tradicionais, pescadores, marisqueiros, quilombolas, artesãos e outras populações diferenciadas. Elas estavam aí há muito tempo. E são elas que deram a características da Baía que nós consideramos importantes. Mas querem transformá-las em atrações turísticas. Isso é um equívoco fundamental. Querem eliminar tudo aquilo que lhes parece não moderno. É o pensamento dos governantes. Veja esse desvario da construção da pon-

CAIXA
CULTURAL

apresenta

Lançamento do livro Tropicália ou Panis et Circencis, de Ana de Oliveira, e exposição inspirada nas canções do disco-manifesto tropicalista.

Abertura: **03 de julho, às 19h**

Visitação: **04 de julho a 04 de agosto de 2013**

Terça a Domingo, das 9h às 18h

CAIXA CULTURAL SALVADOR

Rua Carlos Gomes, 57 – Centro Tel (71) 3421-4200

www.caixa.gov.br/caixacultural

entrada franca



APOIO:



REALIZAÇÃO:



PATROCÍNIO:



**TRO
PI
CA
LIA**
ou
**panis
et circencis**

te de Itaparica. Há uma mobilização em torno de definir quem é o candidato do PT. Quem mais apoiar a ponte será o candidato.

Que alternativa o senhor defende?

Uma das maneiras é valorizar o entorno humano. Saneamento, saúde, educação, promoção social das pessoas. O que tem de patrimônio cultural, de monumentos, edificações, na Baía é impensável. Coisas sequer constam do IPAC, do IPHAN. Hoje, as grandes empresas se instalam e ninguém da área é absorvido. A Dow Química é uma empresa estrangeira que, a qualquer momento, pode fechar as portas e deixar pa-

ra trás todos os danos que causou em Matarandiba. A Dow Química cometeu um crime ambiental sério, que foi construir um aterro do continente a ilha. Matarandiba não é mais uma ilha. Há um portão de entrada que, no passado, exigia uma carteirinha de residente para dar passagem. Uma empresa vem cá e se instala e tira o direito das pessoas de ir e vir em uma vila que já existia desde 1600 e pouco.

Na opinião do senhor, falta respaldo científico ao projeto da ponte?

Falta inteiramente. Mais que isso: é socialmente inadequado. A ponte vai trazer problemas ambientais sé-

rios e não vai melhorar a vida das populações paupérrimas da Baía. Vai agravar as condições de Salvador. A cidade vai receber um trânsito de passagem imenso. Vai crescer a demanda por serviços de Salvador. A população da ilha será perversamente excluída. Como aconteceu em todo Litoral Norte. Em Arembepe, Praia do Forte, até em Sítio do Conde, nas vilas tradicionais as pessoas tinham seus meios de vida, moravam perto da praia, tinham acesso ao trabalho e ao que precisavam para viver. Ninguém tem necessidade de ter iPhone na mão para viver bem. O Litoral Norte se tornou destino turístico. Há um turismo infame

ENVIDRAÇAMENTO SISTEMA EUROGLASS



ACEITAMOS:



REDE FILM
Interior Design

Tel: (71) 3232-1111 / 3232-2592 / 3232-3000 | redefilm@hotmail.com

na Bahia. Construíram resorts, expulsaram populações. As casas foram se valorizando. Em Arembepe, as pessoas venderam suas casas e foram morar lá atrás da Estrada do Coco, na Vila Simara Erelly. Pessoas que antes tinham o seu trabalho junto de casa, que pescavam, mariscavam, perderam tudo. Há fome e desemprego brutal. Há alguns anos, o secretário de Turismo falou que ia tornar o São João de Salvador o mais importante do Brasil. Isso não se faz de um dia para o outro. Aqui a preocupação é "animar", botar palco. A ideia não é de valorização da cultura. Chegou-se a discutir a realização do São João em Salvador por causa da FIFA. Quer dizer, nossa vida é decidida fora daqui. Salvador vive atualmente de grandes eventos, grandes obras. É um desgoverno e isso existe há muito tempo. Há, inclusive, propaganda sobre coisas que não foram feitas. O principal interessado nisso é o secretário José Sérgio Gabrielli. Ele quer transpor a eleição pela ponte. Especialistas contrariam a ponte. A proposta de Paulo Ormino (arquiteto e professor da Ufba) de desenvolver o entorno da Baía daria resultados positivos.

A contratação dessa empresa... Para fazer o estudo de viabilidade da ponte?

Isso. Por R\$ 40 milhões Na verdade, são lobistas. Essas pessoas não conhecem a Bahia. Estão buscando se aproximar das pessoas para ganhar adeptos à ideia da ponte. Mesmo com a publicação dos livros, o grupo não foi chamado para o diálogo? Para mim, são impensáveis estudos para a ponte. Os estudos têm que ser

«Você tem peculiaridades que devem ser entendidas, até para combater, no bom sentido, essa dominação global, em que todo mundo tem que ser a mesma coisa»

feitos para a Baía de Todos-os-Santos. E são. Temos treze grupos de pesquisa financiados pela Fapesb. Eu vi no jornal que o governador tinha recebido o livro e disse que aquilo era o estudo para viabilizar a ponte. Mas, não houve qualquer propósito de sustentar a ideia da ponte, ao contrário. Todos os autores são contrários a ela. O governador vai e diz que o livro traz estudos feitos para viabilizar a ponte. Tão ignorante que ele é. Fiz um email para o diretor da Fapesb dizendo que aquilo era um equívoco total.

Quais são os direitos específicos das populações tradicionais da ilha?

Marisqueiras e pescadores, em geral, são descendentes de índios e africanos que foram transportados para o Brasil forçadamente. Essas populações têm dificuldades de avançar do ponto de vista social, educacional, porque são discriminadas. Elas têm direitos diferenciados porque são diferentes. O direito de

manter sua diferença cultural, de comportamento, gosto, vestimenta, do falar a língua.

Discute-se muito o reconhecimento de terras indígenas. Trata-se apenas de um problema agrário?

É a identidade indígena que está ameaçada. Veja, na década de 1970 não existia índio. Hoje, temos 13 etnias, cerca de 20 aldeias. O que é que aconteceu? Antropólogos começaram a estimular os índios a defenderem seus próprios direitos. O antropólogo português Pedro Agostinho foi a pessoa que começou a estudar indígenas na Bahia. Foi ridicularizado na imprensa, disseram que inventava índios. Com estudantes, o que me inclui, ele foi buscar índios que estavam desaparecidos há 200 anos. Encontramos o grupo indígena pankararé, considerado extinto. Eram 1400 pessoas que se diziam pankararé em um povoado que era parte indígena, parte não indígena. Os indígenas não podiam falar a sua língua nem ter sua cultura porque eram presos. Hoje, eles existem e foram reconhecidos.

Que recompensas 36 anos de antropologia lhe trouxeram?

A nossa é uma experiência de fundamentalmente ouvir o que as pessoas querem falar. Aprendemos com as pessoas. Você compreende a experiência humana, compreende o que é ser gente em um determinado local. Você tem peculiaridades que devem ser entendidas, até para combater, no bom sentido, essa dominação global, em que todo mundo tem que ser a mesma coisa. «